

A TRADUÇÃO DE UM PONTO DE VISTA ENUNCIATIVO

Sara Luiza Hoff¹

Larissa Colombo Freisleben²

Resumo: Este artigo busca examinar, por meio de uma leitura detalhada, a reflexão sobre tradução feita por Émile Benveniste no texto “A forma e o sentido na linguagem”, constituindo, por meio disso, um possível ponto de vista enunciativo sobre o fenômeno tradutório. Para atingir o objetivo, faz-se, inicialmente, uma apresentação de “A forma e o sentido na linguagem” e da reflexão sobre tradução nele presente, para, em seguida, discorrer sobre a possibilidade e a impossibilidade de tradução, complementando a discussão com exemplos de outros artigos escritos por Benveniste. Demonstra-se, por meio disso, a potência da reflexão de Benveniste e, também, do próprio processo tradutório.

Palavras-chave: tradução; Émile Benveniste; semiótico; semântico.

TRANSLATION FROM AN ENUNCIATIVE POINT OF VIEW

Abstract: This article seeks to examine, through a careful reading, Émile Benveniste's reflection on translation featured in the article titled “Form and meaning in language,” thereby establishing a possible enunciative point of view on the translation phenomenon. To achieve this objective, initially we present the article “Form and meaning in language” and the reflection on translation within it, to then discuss the possibility and impossibility of translation, complementing the discussion with examples featured in other articles written by Benveniste. This demonstrates the power of Benveniste's reflection and also of the translation process itself.

Keywords: translation; Émile Benveniste; semiotic aspect; semantic aspect.

1. Introdução

Em geral, o linguista Émile Benveniste não é um autor que figura entre as referências habituais nos estudos da tradução. A explicação para isso reside no fato de o autor não ter tratado sobre o assunto em muitas ocasiões, embora seja possível observar que a prática tradutória aparece constantemente ao longo de sua obra, visto que ele apresenta exemplos de diversas línguas e, frequentemente, os traduz para o francês (língua em que a maioria de seus textos são escritos) (cf. Hoff, 2018; 2023).

Não obstante, tendo em vista a produção teórica de Benveniste, é importante ressaltar que um de seus artigos mais importantes, “A forma e o sentido na linguagem”, encerra com uma reflexão sobre o fenômeno tradutório³. Assim, é possível entender que, mesmo que a tradução

¹ Doutora em Letras – Estudos da Linguagem, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

² Doutoranda em Letras – Estudos da Linguagem, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

³ Cumpre notar que, além dessa reflexão, há algumas outras instâncias em que a tradução é referenciada na obra de Benveniste, bem como apontar para a existência de uma nota manuscrita cujo título – “La traduction, la langue

não seja um tópico rotineiro da teorização benvenistiana, ela se faz presente na culminação da reflexão do linguista, o que indica a sua importância.

Este artigo visa pensar a respeito dessa reflexão sobre tradução contida em “A forma e o sentido na linguagem”. O artigo se divide em duas seções. A primeira – intitulada “A reflexão sobre tradução em ‘A forma e o sentido na linguagem’” – apresenta, brevemente, o texto “A forma e o sentido na linguagem”, concentrando-se na teorização sobre tradução que aparece em suas páginas finais. A segunda seção, por sua vez, recebe o título “O possível e o impossível da tradução: constituindo um certo ponto de vista enunciativo” e busca delinear um ponto de vista enunciativo sobre a tradução a partir das considerações da seção anterior, ilustrando-as com exemplos extraídos de outros textos de autoria de Benveniste. Ao fim, apresentam-se breves considerações finais, a título de encerramento.

2. A reflexão sobre tradução em “A forma e o sentido na linguagem”

“A forma e o sentido na linguagem” é a transcrição de uma conferência proferida em um congresso de filosofia realizado em 1966, em Genebra. O texto da conferência foi publicado inicialmente nas atas do congresso, em um volume intitulado *Le Langage II*, e republicado no segundo volume dos *Problemas de linguística geral* (PLG).

O fato de que a conferência tenha sido proferida originalmente para um público de filósofos é essencial, já que o modo de olhar para a questão da forma e do sentido na linguagem difere de acordo com o ponto de vista estabelecido – da filosofia ou da linguística. No início de sua exposição, Benveniste salienta que, enquanto os filósofos se voltarão novamente “[...] a uma de suas fontes maiores de permanente informação” (Benveniste, 2006 [1967]⁴, p. 220), aos linguistas será proposta uma nova maneira de refletir sobre a linguagem.

Esse artigo se insere em um momento de reflexão temática de Benveniste que trata da elaboração das noções de *semiótico* e *semântico* (Flores, 2013). Essa reflexão inicia no texto “Os níveis da análise linguística”, em que essas noções são introduzidas, mas ainda não nomeadas. A elaboração dessa reflexão prossegue em “A forma e o sentido na linguagem”, e, por fim, em “Semiologia da língua”.

et l’intelligence” – já indica que a tradução é um dos seus temas centrais (Benveniste, 2016 [s. d.]. Para mais informações, ver Hoff (2018). Neste artigo, no entanto, optamos por discutir somente a perspectiva presente em “A forma e o sentido na linguagem”, por ser um dos textos mais conhecidos e citados do autor.

⁴ Dado que boa parte da produção teórica de Benveniste está publicada sob forma de artigos, alguns depois reunidos em coletâneas (como os *Problemas de linguística geral*), neste artigo, citamos o ano da obra por nós consultada seguido do ano da data de publicação do original entre colchetes.

Em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste se volta para a questão da significação, que é, para o linguista, a propriedade central da língua e da linguagem. O ponto de partida da reflexão é a noção de signo linguístico de Saussure, a partir do qual a discussão deve avançar: Benveniste (2006 [1967], p. 224) pretende “ir além do ponto a que Saussure chegou na análise da língua como sistema significante”. Há dois aspectos importantes que são inicialmente considerados: o primeiro é que há um “limite inferior” do signo linguístico enquanto unidade significante – a significação – pois, quando buscamos identificar uma unidade menor do que o signo, a significação se perde. O segundo aspecto é que o signo se apresenta sob duas faces: a do significante (a forma) e a do significado – noção que Benveniste associa ao sentido no domínio do semiótico.

O significado, nesse domínio é, para Benveniste, determinado pelo reconhecimento, pelos falantes da língua em questão, de que tal signo pertence ou não a essa língua. Assim, o linguista estabelece o princípio de que “[...] tudo o que é do domínio do semiótico tem por critério necessário e suficiente que se possa identificá-lo no interior e no uso da língua” (Benveniste, 2006 [1967], p. 227). Essa noção de sistema implica que o semiótico jamais se relacionará a questões de referência e denotação, que o valor do signo será sempre genérico e que os signos semióticos sempre serão considerados levando em conta oposições binárias, já que somente se apresentam em relações paradigmáticas.

Em seguida, Benveniste volta-se à noção de *frase*, que faz com que ele introduza um novo modo de existência da língua: o domínio semântico. Ao contrário do domínio semiótico, que é baseado no reconhecimento de um signo como pertencente a um sistema, o domínio semântico se refere à língua colocada em utilização, “em emprego e em ação” (Benveniste, 2006 [1967], p. 229).

A unidade semântica, para Benveniste, é a palavra, que é agenciada em frases – estas, por sua vez, permitem que o discurso seja produzido. Considerando o domínio semântico, a questão da referência, ao contrário do domínio semiótico, é pertinente. Isso porque cada frase é sempre proferida em uma situação discursiva particular, em um dado momento e sob determinadas circunstâncias únicas e irrepetíveis – ou seja, a noção de referência, na reflexão de Benveniste, está intimamente relacionada à noção de instância de discurso.

Os dois domínios da língua representam duas diferentes perspectivas: se o semiótico trata de uma propriedade da língua, o semântico trata da atividade do locutor. No entanto, é necessário ressaltar que esses dois domínios são duas perspectivas diferentes para olhar o funcionamento da língua que estão intrinsecamente ligados: o domínio semiótico é a base para

que o locutor coloque a língua em funcionamento, e é a atividade discursiva que estabelece as unidades que integram o domínio semiótico.

Tendo estabelecido os dois domínios – o semiótico e o semântico –, Benveniste se volta para a tradução, no que é, às vezes, considerada por seus leitores como a sua única menção ao tema:

No entanto, falando grosseiramente, o fato de que se pode “dizer a mesma coisa” numa como noutra categoria de idiomas é a prova, por sua vez, da independência relativa do pensamento e ao mesmo tempo de sua modelagem estreita na estrutura linguística.

A reflexão sobre este fato notável parece clarear a articulação teórica que nós nos esforçamos por estabelecer. Pode-se transpor o semantismo de uma língua para a outra, “salva veritate”; é a possibilidade da tradução; mas não se pode transpor o semioticismo de uma língua para o de uma outra; é a impossibilidade da tradução. Atinge-se⁵ aqui a diferença entre o semiótico e o semântico (Benveniste, 2006 [1967], p. 233).

Embora se trate de uma passagem bastante breve, a menção à tradução tem um papel crucial na construção da reflexão de “A forma e o sentido na linguagem”⁶. Observamos que a tradução aparece como uma espécie de evidência da diferença entre os dois domínios da língua, ou seja, trata-se de uma prática que demonstra, empiricamente, a existência dos dois domínios.

Uma questão importante em relação à citação é que Benveniste incorre em uma variação terminológica importante – o que, conforme Flores (2013), é uma característica da obra do linguista que não deve ser desconsiderada. No trecho em questão, Benveniste afirma que é possível transpor o *semantismo* e impossível transpor o *semioticismo* das línguas e, em seguida, volta a utilizar os termos *semiótico* e *semântico*.⁷ Embora haja diversas interpretações para essa questão, entendemos que o *semantismo* seria um estado do semântico, ou seja, um caso particular de apropriação da língua, uma instância particular de discurso, que é o que é traduzido, enquanto o *semioticismo*, por sua vez, seria um estado do semiótico⁸. Consideramos,

⁵ Embora a tradução em português seja “atinge-se aqui a diferença entre o semiótico e o semântico” (Benveniste, 2006 [1967], p. 233, grifos nossos), em francês, o verbo utilizado é “toucher”, que seria melhor traduzido por “tocar”: “on touche ici la différence du sémiotique et du sémantique” (Benveniste, 2000 [1967], p. 228, grifos nossos). Ver Flores (2017) e Hoff (2018) para uma discussão mais detida dessa questão.

⁶ Essa passagem também trata da diversidade das línguas, questão que não será discutida aqui, mas que foi objeto de estudo detalhado na tese de doutorado de Hoff (2023).

⁷ O termo “semantismo” torna a comparecer na reflexão de Benveniste como “semantismo social”, na conferência “Estrutura da língua e estrutura da sociedade”, proferida em 1968 (Benveniste, 2006 [1970]), enquanto o termo “semioticismo” é utilizado exclusivamente em “A forma e o sentido na linguagem”.

⁸ Há diversos autores que abordam essa questão (por exemplo, Nunes (2012a) e Hainzenreder (2016)). Nossa interpretação decorre do seguinte: segundo a gramática *Le bon usage*, o sufixo “-isme”, em francês, forma substantivos masculinos a partir de bases diversas (Grevisse, 1997). O dicionário do Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales (CNRTL), por sua vez, comprova esse fato, apresentando inúmeras definições para a partícula, dividindo as suas significações em três grupos: (1) uso para indicar uma tomada de posição teórica ou prática favorável à base lexical da palavra, podendo designar tanto doutrinas, crenças, sistemas, tendências e

então, que nunca é possível apreender o semiótico na sua totalidade, somente um dado estado dele – e esse estado não pode jamais ser traduzido, uma vez que os sistemas linguísticos particulares têm especificidades que não necessariamente encontram equivalentes em outras línguas, enquanto é sempre possível traduzir um estado do semântico, ou seja, um enunciado produzido em uma determinada instância de produção de discurso.

Retomando a reflexão do artigo “A forma e o sentido na linguagem”, é interessante observar que a tradução continua a ser abordada no parágrafo seguinte:

no entanto, que a tradução se torne possível como processo global é também uma constatação essencial. Este fato revela a possibilidade que temos de nos elevarmos além da língua, de abstraí-la, de contemplá-la, ainda que utilizando-a em nossos raciocínios e em nossas observações. A faculdade metalinguística, a que os lógicos têm estado *[sic]* mais atentos do que os linguistas, é a prova da situação transcendente do espírito “vis-a-vis” da língua em sua capacidade semântica (Benveniste, 2006 [1967], p. 233).

Nesse parágrafo, a tradução é associada a outra propriedade da língua: a faculdade metalinguística. Isso porque, ao traduzir, “contempla-se” a(s) línguas(s). No entanto, Benveniste não fala dessa propriedade em termos estritamente linguísticos, mas a associa a uma questão metafísica. Para Normand (2012, p. 167, grifo no original), com essa reflexão, “[...] é reafirmada uma confiança bastante filosófica em uma atividade metalinguística confiável, obra de abstração superior pela qual o *espírito* se distancia de toda língua empírica”.⁹

A partir dessas considerações, podemos perceber que, embora as menções à tradução em “A forma e o sentido da linguagem” sejam breves, sua importância não deve ser diminuída, pois elas se inserem em uma reflexão teórica de anos na qual ocupam um papel central, uma vez que é a tradução que permite identificar de forma mais concreta os dois modos da língua, além de também evidenciar a diversidade linguística e a propriedade metalinguística, temas que são caros a Benveniste.

modos de vida, pensamento e ação, em campos de estudos diversos, quanto atitudes ou comportamentos; (2) remissão a uma atividade relacionada ao objeto denotado pela base, podendo designar atividades profissionais, sociais e esportivas, intoxicações e modos de raciocínio ou de expressão e (3) indicação da constatação de fatos ou da realidade e pode designar estados, qualidades, características e, em usos mais específicos, características de um determinado povo ou de uma língua, fenômenos e processos diversos e doenças e características sexuais (-Isme, 2012). O primeiro uso não parece se aplicar ao texto de Benveniste, já que ele não parece determinar um posicionamento em relação aos domínios da língua. O segundo tampouco, já que há uma referência a atividades. O terceiro grupo, por sua vez, parece ser produtivo para entender o *semioticismo* ou o *semantismo* como estados.

⁹ A associação da tradução à faculdade metalinguística é muito interessante e parece-nos ter grande potencial teórico. No entanto, na continuação deste artigo, por limitações espaciais e argumentativas, limitamo-nos a examinar a noção de possibilidade e impossibilidade de tradução apresentada por Benveniste no parágrafo anterior.

3. O possível e o impossível da tradução: constituindo um certo ponto de vista enunciativo

Como evidenciado acima, em “A forma e o sentido na linguagem”, Benveniste detalha a sua proposta dos dois domínios da língua, culminando em uma teorização – breve – sobre tradução. Essa reflexão trata, entre outros assuntos, da impossibilidade e da possibilidade de tradução, intimamente relacionadas aos dois domínios da língua.

A impossibilidade de tradução se relaciona ao semioticismo, noção que, conforme a nossa interpretação, se associa ao domínio semiótico, dizendo respeito a um dado estado de um dado sistema de língua, que não pode ser reproduzido integralmente em outra língua. Sendo cada língua um sistema específico, não há equivalência perfeita entre duas línguas diferentes (se houvesse, seriam a mesma língua).

É possível observar a impossibilidade de tradução em exemplos fornecidos pelo próprio Benveniste. Por exemplo, ao final do texto “Dom e troca no vocabulário indo-europeu”, o linguista afirma:

Como se pode prever, a “troca” possibilita um grande vocabulário para especificar as relações econômicas. Os termos dessa ordem, porém, são quase todos renovados, de modo que se deve considerar cada língua por si mesma. Há entretanto um termo ao menos dotado de uma certa extensão indo-europeia e de uma significação constante: é o que designa particularmente o “valor”. É representado pelo grego ἀλφάνω, sânscr. *arh-*, “valer, ser signo” (cf. *arhat*, “merecendo”), av. *arz-*, “id.”, lit. *algà*, “preço, salário”. No indo-irânico e no lituano, o sentido evidencia-se bastante geral e abstrato, pouco favorável a uma determinação mais precisa. No grego, porém, ἀλφάνω se deixa interpretar mais exatamente do que o indicam os dicionários traduzindo-o por “ganhar, obter” (Benveniste, 1995 [1951], p. 360, grifos do autor).

Observa-se, nesse trecho, que, em alguns casos, embora seja possível determinar um sentido “geral e abstrato” para as unidades de uma dada língua, é sempre fundamental “considerar cada língua por si mesma”, pois é somente tomando as unidades em seu próprio contexto que é possível entender plenamente o seu sentido. Por isso, indica-se que a tradução geralmente feita do termo grego não corresponde à totalidade do que ele realmente expressa, ou seja, a tradução, de certa forma, circunscreve o sentido do termo original. É, assim, de certa forma, impossível traduzir, especialmente quando se consideram unidades isoladas, sem estarem aplicadas a um determinado contexto, uma frase, uma produção discursiva específica, ou seja, quando se trata das unidades no domínio semiótico.

Cumprido, no entanto, observar que essa impossibilidade de tradução carrega aspectos de possibilidade. Embora não haja equivalência admissível entre os estados dos sistemas das línguas, já que cada língua constitui sempre um sistema particular, com valores próprios que derivam das relações particulares entre as unidades da língua, é sempre possível estabelecer certas aproximações entre os valores que emanam dos sistemas de línguas diferentes, como se observa na citação acima, em que Benveniste efetivamente apresenta diversas traduções para os termos que mobiliza na análise. Assim, mesmo que não se consiga obter equivalências perfeitas de valores, já que estes sempre derivam do próprio sistema a que pertencem, pode-se sempre considerar a existência de semelhanças e aproximações entre diferentes sistemas, o que, por sua vez, conduz à possibilidade de tradução.

Essa possibilidade de tradução, no ponto de vista de Benveniste, se relaciona ao semantismo – a uma instância específica de apropriação da língua em discurso – e advém do fato de ser possível “‘dizer a mesma coisa’ numa como noutra categoria de idiomas” (Benveniste, 2006 [1967], p. 233).

Como mencionado anteriormente (cf. Introdução) e evidenciado pelos exemplos acima referentes à impossibilidade de tradução, a prática tradutória tem presença constante na teoria benvenistiana. Há, em sua obra, inúmeras passagens em que Benveniste cita determinadas traduções e escolhas tradutórias de certos tradutores, ou seja, são feitas referências a instâncias específicas de tradução. Por exemplo, em uma nota de rodapé do texto “A construção passiva do perfeito transitivo”, lê-se:

A trad. de Kent – “other sons of Darius there were” (*Old Persian*, 150) – só é literal na aparência. Kent menosprezou o verdadeiro sentido da frase, por não haver visto que o genitivo-dativo tem aqui uma função de predicado. É o nome de Dario que é o cerne do desenvolvimento: “Dario tinha outros filhos além de mim, mas foi a mim que concedeu a preeminência”. Mesma observação para a tradução de B. I., 29-30: “of that Cambyses there was a brother” (Benveniste, 1995 [1952], p. 196, grifo do autor).

Nota-se que, na citação, Benveniste critica duas traduções do persa antigo, feitas, respectivamente, por Kent e B. I., indicando não somente que tinha conhecimento e acesso aos textos traduzidos, como também analisou as escolhas dos dois tradutores. De modo semelhante, Benveniste faz menções ao tradutor de Hemingway para o francês (Benveniste, 1995 [1959], p. 269) e a traduções atribuídas a Wulfila (Benveniste, 2006 [1969], p. 248) e Boécio (Benveniste, 2006 [1969], p. 256), por exemplo. Nota-se, assim, que, nesses casos, Benveniste menciona e faz observações sobre determinados textos traduzidos para outros idiomas, ou seja, instâncias de apropriação de uma dada língua transpostas para uma outra língua (por meio de

uma outra apropriação da língua). Evidencia-se, assim, o papel do semantismo na atividade tradutória.

Uma outra demonstração da centralidade do domínio semântico na tradução se deve ao fato de que o próprio Benveniste, em alguns momentos, assume o papel de tradutor. É o que ocorre, por exemplo, em “Categorias de pensamento e categorias de língua”, quando Benveniste faz uso das categorias de pensamento propostas por Aristóteles para evidenciar que são categorias da língua grega, e não do pensamento em si. Ele diz:

Ora, temos a sorte de dispor de dados que se diria estarem prontos para o nosso exame, elaborados e apresentados de maneira objetiva, integrados num conjunto conhecido: são as categorias de Aristóteles. Ser-nos-á permitido considerar essas categorias sem preocupação de tecnicidade filosófica, simplesmente como o inventário das propriedades que um pensador grego julgava predicáveis a um objeto, e consequentemente como a lista dos conceitos *a priori* que, segundo ele, organizam a experiência. É um documento de grande valor para o nosso objetivo. Lembremos em primeiro lugar o texto essencial, que dá a mais completa lista dessas propriedades – dez no total – (*Categorias*, cap. IV) (Benveniste, 1995 [1958], p. 70-71, grifos do autor).

Segue-se a essa citação um parágrafo do texto aristotélico traduzido por Benveniste para o francês. Curiosamente, essa tradução é acompanhada de uma nota de rodapé; nela, Benveniste afirma que “era inútil reproduzir o texto original, uma vez que todos os termos gregos são citados a seguir. *Traduzimos este passo literalmente*, para comunicar o teor geral antes da análise dos pormenores” (Benveniste, 1995 [1958], p. 71, grifo nosso). É possível perceber que Benveniste se refere à instância de discurso original – ao semantismo do texto de partida – e, simultaneamente, explica as decisões que tomou no processo de tradução, ou seja, as escolhas tradutórias que ficam marcadas no texto traduzido, que é uma instância própria de produção de discurso. Benveniste detalha as razões para optar por um determinado modo de organização das frases – ou seja, uma determinada sintagmatização, uma dada forma do domínio semântico – de seu discurso originado por meio do processo tradutório, evidenciando, por meio disso, o modo como ele interpreta o texto de partida aristotélico. Benveniste traduz esse texto produzindo um novo texto, que incorpora ao seu artigo. O exemplo permite, então, observar que a tradução sempre se origina e resulta no domínio semântico da língua: é uma dada produção de discurso, uma instância “da língua em emprego e em ação” (Benveniste, 2006 [1967], p. 229) que é traduzida e, também, é uma outra dada produção de discurso que é o produto da tradução.

Ainda considerando a possibilidade de tradução, deve-se levar em conta um outro aspecto: a questão da referência. Para Benveniste, como visto na seção anterior, trata-se de um

aspecto essencial quando se considera o domínio semântico da língua. A referência, para o linguista, se relaciona à frase: “Se o ‘sentido’ da frase é a ideia que ela exprime, a ‘referência’ da frase é o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar” (Benveniste, 2006 [1967], p. 231). Assim, torna-se possível entender que a tradução, que sempre ocorre com base em uma instância particular de discurso, sempre constitui uma referência também particular, ou seja, mobiliza um locutor e um interlocutor em um dado momento e espaço. Para traduzir, então, como já demonstrado por diversos estudiosos (por exemplo, Nunes, 2011; 2012a; 2012b; Rosário, 2012), é necessário identificar essa instância particular e tentar reproduzi-la, na medida do possível, em outro idioma.

É, no entanto, importante ressaltar que o processo tradutório sempre implicará uma certa ausência de equivalência. Sendo a enunciação um processo que, nas palavras de Benveniste (2006 [1970], p. 84), possibilita “a expressão de uma certa relação com o mundo”, relação essa que se dá exclusivamente em função do *eu-aqui-agora*, será impossível reconstituir essa mesma relação, já que o ato enunciativo é sempre subjetivo e irrepetível e instaura sempre uma nova referência. A tradução, nessa perspectiva, implicará sempre uma nova enunciação, com um novo locutor, em um novo momento e local – isto é, uma nova referência. A cena enunciativa nunca será igual a anterior, nunca será replicada exatamente.

Desse modo, embora o semantismo represente a possibilidade de tradução, essa possibilidade não deve ser interpretada como uma repetição integral. Ainda que a tradução seja possível, não é possível estabelecer a mesma relação com a realidade, a mesma referência que o texto-fonte estabelece; há, portanto, algo de impossibilidade na possibilidade de tradução.

Assim, nota-se que, de uma perspectiva enunciativa, conforme os termos de Benveniste, tanto a impossibilidade quanto à possibilidade de tradução não são plenas – elas são somente parciais. Há, em ambos os casos, uma falta. Desse modo, é possível conceber a tradução como uma atividade que é executada, mas não plenamente, embora, ao mesmo tempo, não se trate de algo completamente irrealizável. Assim, a tradução é, na verdade, um fenômeno complexo, em que tanto o possível (o semantismo) e o impossível (o semioticismo) se fazem presentes simultaneamente. Desse modo, há certas limitações envolvidas na prática tradutória, que não impedem, no entanto, que a tradução ocorra.

O próprio Benveniste, novamente, fornece um exemplo disso. Em “O sistema sublógico das preposições em latim”, encontra-se um trecho – longo, mas importante de ser reproduzido na totalidade, já que evidencia o brilhante raciocínio do linguista – que demonstra a convivência mútua da possibilidade e da impossibilidade da tradução:

Até aqui, foi relativamente fácil verificar nos compostos o sentido geral conferido a *prae*. A verdadeira dificuldade começa quando queremos explicar os empregos causal e comparativo da preposição. São duas categorias independentes uma da outra e representadas todas duas desde o latim mais antigo. Sabemos que *prae* é adequado para indicar a causa: *cor Vlixi frixit prae pauore*, “o coração de Ulisses gelou de pavor” (Liv. Andr., Od, 16). Pode também marcar uma comparação: *uidebant omnes prae illo parui futuros* (Nep., Eum., 10). Temos aqui empregos de *prae* que *pro* não apresenta e cuja origem só se poderia buscar no próprio sentido de *prae*. A sua gênese, porém, não aparece à primeira vista e é preciso dizer que nenhuma das interpretações fornecidas até agora ajuda, por pouco que seja, a compreendê-la. B. Kranz crê resolver o assunto imaginando que o *prae* causal equivaleria a *prae(sente)*, o que é a própria inverossimilhança. Segundo Brugmann, é preciso partir do sentido local: “Etwas stellt sich vor etwas wird dadurch Anlass und Motiv für etwas”. Não se vê aqui o erro a que leva uma definição ambígua? Que quer dizer “vor etwas”? Acreditar-se-ia que *prae* pode significar a anterioridade de um acontecimento com relação a outro e, pois, a causa; mas isso é impossível. O erro do raciocínio mostra-se logo que o aplicamos à tradução de um exemplo concreto. Eis em Plauto: *prae laetitia lacrimae prosiliunt mihi* “de alegria as minhas lágrimas brotam”. Diríamos que “algo” se coloca “diante” da alegria? É isso, no entanto, o que pediria a explicação de Brugmann. Esta suporia em latim “choro diante da alegria” para dizer “choro de alegria”. Em que língua alguém já se exprimiu assim? Não somente é estranho, mas é uma contradição lógica, pois se *prae gaudio* significasse “diante da alegria”, seria preciso admitir que “diante da alegria” equivale a “em consequência da alegria” e que uma proposição que enuncia a causa serve para marcar a consequência. Em outras palavras, se *prae gaudio* quer dizer “diante da alegria” e *prae* indica o que vem antes e é a causa, segue-se que em *prae gaudio lacrimae prosiliunt mihi*, as lágrimas vêm antes da alegria e a provocam. Eis o resultado de uma explicação que decorre de uma ideia errônea e acaba na confusão. É, pois, impossível julgar, com J. B. Hofmann, que o sentido causal de *prae* desenvolveu-se “aus lokaler-temporaler Grundlage”. Tampouco se resolveu a questão do *prae* de comparação supondo-se que *prae*, “diante de”, pode chegar a “defronte de, em comparação com”. Ainda uma vez, o erro instala-se no raciocínio, a favor dessa tradução ambígua “diante de”. Repetimos que *prae* nunca significa “diante de” no sentido de “em face” e implicando comparação de um objeto com outro, pela razão maior de que, esboçando a continuidade e, pois, a unicidade do objeto, não poderia confrontar dois objetos distintos. Toda interpretação que negligencia esse dado fundamental passa ao lado do problema (Benveniste, 1995 [1949], p. 145-146, grifos no original).

Nesse exemplo, Benveniste busca definir o sentido da preposição “*prae*” em latim. Para fazer isso, ele analisa dois empregos específicos da preposição, fornecidos por Livio Andronico e Cornélio Nepos. Esses textos latinos, de autoria de terceiros, são traduzidos para o francês e o sentido da preposição é interpretado com o auxílio de contribuições de linguistas alemães (que, ao buscar definir o sentido da preposição “*prae*”, também a traduziram para o alemão). Isso permite que Benveniste identifique contradições nos raciocínios e acepções não adequadas – “definições ambíguas”, “ideias errôneas”, “confusões”, nas palavras do linguista. A partir disso, o linguista apresenta, novamente, uma tradução de uma frase, de Plauto, evidenciando a

contradição lógica originada pelo fato de que o sentido que normalmente se atribui a “*prae*” não é aceitável. Assim, observa-se que a tradução – de terceiros e do próprio Benveniste – desempenha um papel fundamental na reflexão sobre a preposição latina, já que é por meio dela que se evidenciam as insuficiências das análises feitas acerca de “*prae*” e se busca a definição semântica exata do termo.

Além disso, o exemplo também dá indícios da possibilidade e da impossibilidade da tradução. A possibilidade reside no fato de que a tradução é realizada: Benveniste traduz – ainda que erroneamente, segundo ele mesmo – “*prae laetitia lacrimae prosiliunt mihi*” por “de alegria as minhas lágrimas brotam”, por exemplo. Por outro lado, a impossibilidade é percebida por meio da indicação da ausência de equivalência entre os sistemas das línguas envolvidas na análise – como o próprio Benveniste afirma, ao fim do texto, “no estudo das preposições, sejam quais forem o idioma e a época considerados, uma nova técnica da descrição é necessária, e se torna possível, para reconstituir a estrutura de cada uma das preposições e integrar essas estruturas num sistema geral” (Benveniste, 1995 [1949], p. 149). Assim, ao fim da reflexão, fica evidente que o sentido de “*prae*” deriva unicamente das relações que se estabelecem dentro do sistema do latim, o que impede que ele seja reproduzido perfeitamente em qualquer outro idioma que não o próprio latim. Benveniste busca alternativas, recorrendo, para isso, a colegas alemães, mas acaba não aceitando as possibilidades apresentadas pelos outros linguistas, tampouco chegando a um equivalente único para “*prae*”. Ao mesmo tempo, no entanto, ainda que com a ausência de um equivalente pleno e perfeito, a explicação que Benveniste fornece ao longo do texto permite entender – ainda que aproximadamente – o sentido de “*prae*” no sistema latino, o que possibilita que, ao fim e ao cabo, o termo seja traduzido. Assim, a possibilidade e a impossibilidade são “noções gêmeas¹⁰” (Benveniste, 2006 [1967], p. 221), que nascem e se apresentam conjuntamente, não somente no exemplo analisado acima, mas sempre que o processo tradutório se realiza.

4. Considerações finais

A reflexão sobre tradução de Benveniste em “A forma e o sentido na linguagem”, embora bastante reduzida, se revela potente. Mesmo ocupando apenas alguns parágrafos ao final do texto, o pensamento em torno da tradução é a demonstração do raciocínio – complexo – apresentado por Benveniste ao longo do texto, quando propõe que “há para a língua duas

¹⁰ Benveniste propõe que a forma e o sentido são “noções gêmeas” – o que ele se dedica a analisar na conferência que profere em 1966 em Genebra (cf. seção 2, supra). Aqui, propomos um deslocamento da ideia, aplicando-a ao contexto específico da tradução.

maneiras de ser língua no sentido e na forma” (Benveniste, 2006 [1967], p. 229). Considerando que a tradução evidencia as diferenças entre os domínios semiótico e semântico, é possível entender que é, também, por meio dela que se torna possível apreender a língua em toda a sua heterogeneidade.

Além disso, por meio dessa reflexão, Benveniste coloca em evidência o fato de que a tradução é possível pois é sempre uma instância particular de discurso, produzida por um determinado sujeito, em um dado momento e um dado espaço, constituindo, assim, uma referência particular, o que explica que nenhuma tradução seja igual às outras – a tradução é, em resumo, sempre única.

Finalmente, ao apontar para a impossibilidade de tradução na teorização e em suas análises linguísticas, Benveniste evidencia a necessidade de considerar a lógica interna de cada sistema linguístico por si antes de buscar equivalências – uma recomendação importante para linguistas e tradutores.

Referências

BENVENISTE, Émile. La traduction, la langue et l’intelligence. In: FENOGLIO, Irène (Org.) *et al. Autour d’Émile Benveniste sur l’écriture*. Paris: Éditions du Seuil, 2016. p. 37-44.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral I**. Tradução de: Maria da Gloria Novak e Maria Luisa Neri. 4a. ed. Campinas: Pontes Editores, 1995.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de linguística geral II**. Tradução de: Eduardo Guimarães *et al.* 2a. ed. Campinas: Pontes Editores, 2006.

BENVENISTE, Émile. **Problèmes de linguistique générale, II**. Paris: Éditions Gallimard, 2000.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Introdução à teoria enunciativa de Benveniste**. São Paulo: Parábola, 2013.

FLORES, Valdir do Nascimento. **Saussure e Benveniste no Brasil: Quatro aulas na École Normale Supérieure**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

GREVISSE, Maurice. **Le bon usage: grammaire française**. 13. ed. rev. Paris: Duculot, 1997.

HAINZENREDER, Larissa Schmitz. **O fenômeno tradutório à luz da distinção semiótico/semântico na relação entre línguas: proposta de uma semiologia da tradução**. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

HOFF, Sara Luiza. **“Mas guardemos isso: não há língua má”**: as línguas na teoria da linguagem de Benveniste. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio

Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2023.

HOFF, Sara Luiza. **A nota “la traduction, la langue et l’intelligence”**: o fenômeno tradutório na e a partir da reflexão sobre a linguagem de Benveniste. 2018. 210 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2018.

-ISME. In: CNRTL - Centre National de Ressources Textuelles et Lexicales. Portail lexical. Nancy Cedex: CNRTL, 2012. Disponível em: <https://www.cnrtl.fr/definition/-isme>. Acesso em: 15 nov. 2017.

NORMAND, Claudine. **Convite à linguística**. Tradução de: Cristina de Campos Velho Birc *et al.* São Paulo: Contexto, 2012.

NUNES, Paula Ávila. **A prática tradutória em contexto de ensino (re)vista pela ótica enunciativa**. 2012a. 236 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2012a.

NUNES, Paula Ávila. Do bilíngue ao tradutor, do enunciado à enunciação: notas sobre uma perspectiva enunciativa do tradutor e da tradução. **Tradterm**, São Paulo, v. 18, p. 09-27, 2011.

NUNES, Paula Ávila. Por uma abordagem enunciativa da tradução. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 7, n. 7, p. 37-46, 2012b.

ROSÁRIO, Heloísa Monteiro. Elementos para uma reflexão sobre tradução a partir da teoria benvenistiana da enunciação. **Conexão Letras**, Porto Alegre, v. 7, n. 7, p. 63-71, 2012.

Recebido em: 04/10/2023

Aprovado em: 03/01/2024